# Contemporâneos de *Contemporânea* (1922-1926): Contexto nacional e internacional

**[*Contemporânea* contemporaries (1922-1926): National and international context]**

Ricardo Marques*

**Palavras-chave**

José Pacheco, Revistas literárias, Modernismo, Vanguardas.

**Resumo**

Quando, em 1922, ressurge a *Contemporânea*, o mundo estava muito diferente daquele que vira surgir a revista inicialmente, em 1915, com *Orpheu, Eh Real!* ou *Atlântida*. Neste artigo pretendemos assim pôr o enfoque no contexto nacional e internacional desse ressurgimento tão importante, pensando a revista de José Pacheco transdisciplinarmente, isto é, não só do ponto de vista gráfico, como também textual. Desta forma, falaremos de Pacheco enquanto leitor de periódicos, mas também do ano de 1922 e das revistas que, dentro e fora de Portugal, surgiram nesse ano (e nos anos em que a *Contemporânea* foi publicada) e se afirmaram como símbolo dos anos 20 e do Modernismo.

**Keywords**

José Pacheco, Literary magazines, Modernism, Avant-Gardes.

**Abstract**

When, in 1922, *Contemporânea* is published again, the world was very different from the one that had seen the magazine initially appear, in 1915, with *Orpheu*, *Eh Real!*, or *Atlântida*. In this article, we will be focusing on the national and international context of this very important resurgence, considering José Pacheco's magazine in a transdisciplinar frame, that is, not only from a graphic point of view, but also from a textual point of view. Thus, we will talk about Pacheco as a reader of periodicals, but also about the year 1922 and the magazines that, in and out of Portugal, came out to the public during that year (and while *Contemporânea* was published) and established themselves as a symbol of the 1920s and Modernism.

* Investigador do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição e do CETAPS – Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (NOVA-FCSH).

(cc) BY-SA

## Pacheco, leitor-editor

No dia 15 de Junho de 1922, algumas semanas depois da saída do primeiro número da 'nova' *Contemporânea*, é publicada uma entrevista ao seu director, José Pacheco, no *Diário de Lisboa* (ver Fig. 1).[1] A entrevista é dada enquanto já se preparava a saída do segundo número da revista, que terá precisamente a data de Junho de 1922.

IMPRENSA
A CONTEMPORÂNEA
A REVISTA DOS NOVOS

O "Diário de Lisboa" entrevista o seu director, sr. José Pacheco

A *Contemporânea* há 15 dias que saiu. Mas a sua aparição, que era, é claro, aguardada com ansiosidade interessa-nos a nós menos do que o movimento que ela provocou, os resultados que obteve o destino que lhe está reservado.

Durante alguns dias *A Portugalia* teve a sua montra florida de *Contemporâneas*. Mas isso é pouco. Que mais há? Interessámo-nos, decididamente, pela sorte de *Contemporânea*. O que se passa?

* * *

José Pacheco é a sinceridade em pessoa. Pouco antes da última assembleia da Sociedade Nacional de Belas Artes, não esteve com mais aquelas, e explicou, puro e raso:

– Os novos vão ser vencidos! Não está perdido!

Se algum defeito tem este optimista da acção é o pessimismo das palavras. Por isso lhe perguntámos, hoje, no Chiado:

– Então, a *Contemporânea*?

– Vai bem, obrigado. Recomenda-se.

– Mas... o êxito?

– Assim, assim...

– Você esperava mais ou menos?

– Eu? Eu espero sempre – menos...

– Mas esperava realmente menos?

– Eu lhe digo. Eu não tenho grande confiança nem grande consideração pelo público de arte português. Além disso cá não está criado público de revistas, a não ser das outras, das que metem pernas. Um insucesso, artisticamente, não me feria nada.

– Não é bem assim, a revista é que é talvez avançada de mais e...

– Dá-me licença. Se alguma coisa a *Contemporânea* não é, é lá isso de avançada de mais. E tenho muita pena. Mas nós, em Arte, mesmo os mais modernos, somos sempre conservadores. É o que eu lhe digo. Qual avançado! Já foi a Paris?

– Lá isso não...

– Quando fôr e vier diga-me se *A Contemporânea* é avançada. Veja-se pode dar uma saltada ao Museu Imperial de Berlim, que é onde estão os melhores artistas, os melhores intercedimistas aos tais avançados...

– Em todo o caso *A Contemporânea* é muito *fechada*, muito sectária. Não sei se uma revista pode...

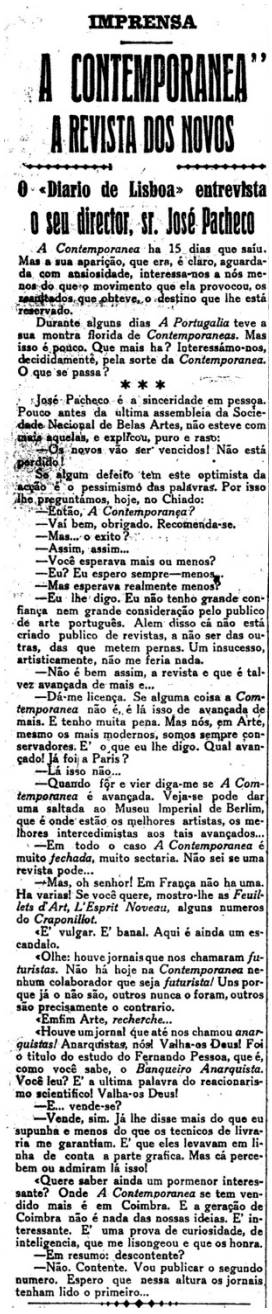
– Mas, oh senhor! Em França não há uma. Há várias! Se você quer, mostro-lhe as *Feuillets d'Art, L'Esprit Nouveau*, alguns números da *Crapouillot*. É vulgar. É banal. Aqui é ainda um escândalo. Olhe: houve jornais que nos chamaram *futuristas*. Não há hoje na *Contemporânea* nenhum colaborador que seja *futurista*! Uns porque já o não são, outros nunca o foram, outros são precisamente o contrário. Enfim Arte, *recherche*... Houve um jornal que até nos chamou *anarquistas*! Anarquistas, nós! Valha-os Deus! Foi o título de um estudo do Fernando Pessoa, que é, como você sabe, o *Banqueiro Anarquista*. Você leu? É a última palavra do reacionarismo científico! Valha-os Deus!

– E... vende-se?

– Vende, sim. Já lhe disse mais do que eu supunha e menos do que os técnicos de livraria me garantiam. É que eles levavam em linha de conta a parte gráfica. Mas cá percebem ou admiram lá isso! Quer saber ainda um pormenor interessante? Onde *A Contemporânea* se tem vendido mais é em Coimbra. E a geração de Coimbra não é nada das nossas ideias. É interessante. É uma prova de curiosidade, de inteligência, que me lisonjeou e que os honra.

– Em resumo: descontente?

– Não. Contente. Vou publicar o segundo número. Espero que nessa altura os jornais tenham lido o primeiro...



IMPRENSA

A CONTEMPORANEA"

A REVISTA DOS NOVOS

O «Diario de Lisboa» entrevista o seu director, sr. José Pacheco

*A Contemporanea* ha 15 dias que saiu. Mas a sua aparição, que era, é claro, aguardada com ansiosidade, interessa-nos a nós menos do que o movimento que ela provocou, os resultados que obteve, o destino que lhe está reservado.

Durante alguns dias *A Portugalia* teve a sua montra florida de *Contemporaneas*. Mas isso é pouco. Que mais ha? Interessámo-nos, decididamente, pela sorte da *Contemporanea*. O que se passa?

* * *

José Pacheco é a sinceridade em pessoa. Pouco antes da ultima assembleia da Sociedade Nacional de Belas Artes, não esteve com mais aquelas, e explicou, puro e raso:

—Os novos vão ser vencidos! Não está perdido!

Se algum defeito tem este optimista da acção é o pessimismo das palavras. Por isso lhe perguntámos, hoje, no Chiado:

—Então, *A Contemporanea*?

—Vai bem, obrigado. Recomenda-se.

—Mas... o exito?

—Assim, assim...

—Você esperava mais ou menos?

—Eu? Eu espero sempre—menos...

—Mas esperava realmente menos?

—Eu lhe digo. Eu não tenho grande confiança nem grande consideração pelo publico de arte português. Alem disso cá não está criado publico de revistas, a não ser das outras, das que metem pernas. Um insucesso, artisticamente, não me feria nada.

—Não é bem assim, a revista e que é talvez avançada de mais e...

—Dá-me licença. Se alguma coisa a *Contemporanea* não é, é lá isso de avançada de mais. E tenho muita pena. Mas nós, em Arte, mesmo os mais modernos, somos sempre conservadores. E' o que eu lhe digo. Qual avançado! Já foi a Paris?

—Lá isso não...

—Quando fôr e vier diga-me se *A Contemporanea* é avançada. Veja-se pode dar uma saltada ao Museu Imperial de Berlim, que é onde estão os melhores artistas, os melhores intercedimistas aos tais avançados...

—Em todo o caso *A Contemporanea* é muito *fechada*, muito sectaria. Não sei se uma revista pode...

—Mas, oh senhor! Em França não ha uma. Ha varias! Se você quere, mostro-lhe as *Feuillets d'Art, L'Esprit Noveau*, alguns numeros do *Craponillot*.

«E' vulgar. E' banal. Aqui é ainda um escandalo.

«Olhe: houve jornais que nos chamaram *futuristas*. Não há hoje na *Contemporanea* nenhum colaborador que seja *futurista*! Uns porque já o não são, outros nunca o foram, outros são precisamente o contrario.

«Emfim Arte, *recherche*...

«Houve um jornal que até nos chamou *anarquistas*! Anarquistas, nós! Valha-os Deus! Foi o titulo do estudo do Fernando Pessoa, que é, como você sabe, o *Banqueiro Anarquista*. Você leu? E' a ultima palavra do reacionarismo scientifico! Valha-os Deus!

—E... vende-se?

—Vende, sim. Já lhe disse mais do que eu supunha e menos do que os tecnicos de livraria me garantiam. E' que eles levavam em linha de conta a parte grafica. Mas cá percebem ou admiram lá isso!

«Quere saber ainda um pormenor interessante? Onde *A Contemporanea* se tem vendido mais é em Coimbra. E a geração de Coimbra não é nada das nossas ideias. E' interessante. E' uma prova de curiosidade, de inteligencia, que me lisongeou e que os honra.

—Em resumo: descontente?

—Não. Contente. Vou publicar o segundo numero. Espero que nessa altura os jornais tenham lido o primeiro...

[1] O autor gostaria de agradecer especialmente ao Centro Nacional de Cultura, nomeadamente a Dra. Helena Serra, a disponibilidade para a consulta do espólio de José Pacheco, bem como a autorização para a reprodução de alguns materiais aqui incluídos.

Ainda que gralhadas, conseguimos identificar três revistas referidas por Pacheco como companheiras de geração de *Contemporânea*: *L'Esprit Nouveau*, *Feuillets d'Art* e *Le Crapouillot*. O que nos interessa para já verificar é a forma como Pacheco era leitor assíduo do que se produzia em Paris (que era efectivamente o centro gravitacional para os modernistas portugueses *sauf* Pessoa) e conseguia confrontar os seus interlocutores facilmente quando colocado perante a actualidade vanguardista da sua revista.

**Figs. 2 e 3. Capas de *L'Esprit Nouveau* e *Feuillets d'Art*.**

Enquanto o primeiro periódico, *L'Esprit Nouveau*, pode ser considerado um bom par da *Contemporânea* (disso falaremos mais à frente), já os outros dois inscrevem-se num paradigma diferente: *Feuillets d'Art* e *Le Crapouillot* são revistas de massas e de *fashion*, não tendo o estatuto de periódico exclusivamente literário. Ao revocar essas revistas, eivadas de publicidade e de quotidiano, Pacheco denuncia indirectamente que o seu projecto era o de colocar a sua revista no seu tempo, o de aproximar a sua revista da sociedade cada vez mais massificada, mas sem descurar a qualidade gráfica.[2] Numa palavra, a publicação dirigida por Pacheco devia ser: *Contemporânea*.

A capa do *Diário de Lisboa* onde a entrevista referida se inclui tem uma grande manchete para o caso dos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que estavam nesse momento quase a chegar ao Brasil, de avião, cem anos depois da independência e dois meses depois da Semana de Arte Moderna em São Paulo (outra comemoração da nação brasileira; cf. CORREIA, 2022). Este evento dá, sem

[2] Logo em 1915-1916, aquando da saída do número *specimen* da *Contemporânea*, era de assinalar o cuidado do arranjo gráfico que fazia da revista uma publicação a par de outras na Europa. Em carta a José Pacheco de 8 de Janeiro de 1916, Mário de Sá-Carneiro conta como a revista foi mostrada a amigos comuns internacionais por parte de Homem Cristo Filho e até um advogado belga a destacou como "coisa primorosa". Cf. SÁ-CARNEIRO (1977: 101-102; http://ric.slhi.pt/docs/Extras/0000002308.pdf).

dúvida, o mote ao clima político-cultural de 1922 no que toca às relações luso-brasileiras. Aliás, a comparação entre este ímpeto de 'ser contemporâneo' e o propósito 'contemporâneo' de Pacheco é logo aludido no programa estético do primeiro número da revista (intitulado "Carta a um esteta"), elaborado em forma epistolar por Afonso de Bragança (que iria falecer ainda nesse ano) num diálogo imaginado com um 'antepassado' preso ao passado:

> Você é um antepassado, – um antepassado de si próprio. O aeroplano Foirey que vae a caminho do Brazil, de tela e de alumínio, motor "Rolls Royce", movido a gazolina, guiado por um homem sereno e practico, de bigode á americana e por um lobo do mar, glabro e irónico – despertou em você, meu caro amigo, uma emoção romantica. Você viu-os ir, como quem vê partir – uma caravela!
>
> (BRAGANÇA, 1922: 4)

Recuemos, porém, um pouco. Quem é o leitor José Pacheco e de que forma isso influenciou a feitura de *Contemporânea*?

Pacheco vai para Paris em 1910, aos 25 anos, e cursa Arquitectura. Na capital francesa está no centro da acção no campo modernista e as publicações que possui desses anos, ainda hoje no seu espólio, são disso prova. Uma das publicações que tem em sua posse é um dos primeiros números de *La Revista de America* (nomeadamente o volume 2, número 6, de Novembro de 1912).

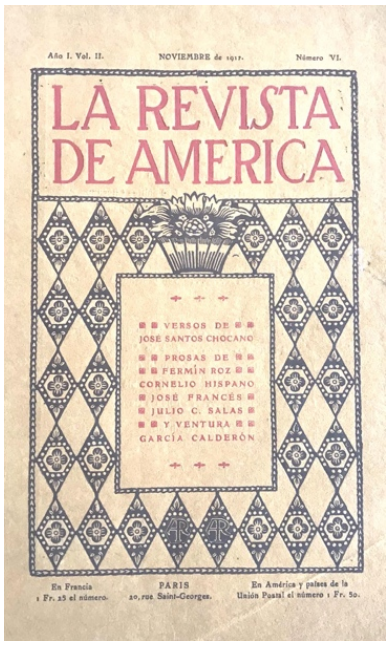



**Fig. 4. *La Revista de America*. Foto do exemplar de José Pacheco.**

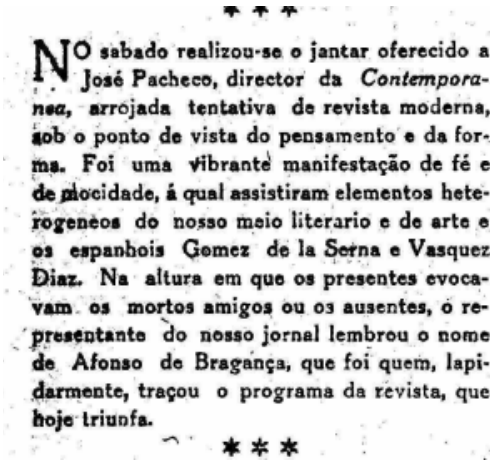
Este periódico durou muito pouco tempo (1912-1914) e corresponde, grosso modo, à estadia de Pacheco em Paris. A revista fora fundada de acordo com um espírito conciliador de uma visão sul-americana e europeia da cultura, apelando aos

escritores hispano-americanos ali exilados. Serão seus colaboradores nomes tão reconhecíveis quanto Ruben Darío ou Amado Nervo, mas também Leopoldo Lugones e Ortega y Gasset.[3]

Podemos dizer o aparecimento da *Contemporânea*, do seu número *specimen*, está certamente ligado à estadia de Pacheco em Paris (para onde ele tenta voltar ainda nessa década, mas sem sucesso).[4]

Não conseguimos saber nem conjecturar se Pacheco conheceria pessoalmente Francisco García Calderón (1883-1953), mas o facto de ter este número de *La Revista de America* prova que estaria desde esses anos interessado na América Latina, o que mais tarde, na *Contemporânea*, se viria a provar verdade.

Aliás, num recorte de 1923 se nota como José Pacheco é celebrado alguns meses depois do reaparecimento da *Contemporânea*, da "arrojada tentativa de revista moderna" (Fig. 5), mas também vemos como a sua comunicação com a fina-flor dos modernistas espanhóis continua de forma premente. Ramón Gómez de la Serna e Daniel Vásquez Díaz, colaboradores regulares da revista, vão ao jantar oferecido ao seu director.[5]



* * *

NO sabado realizou-se o jantar oferecido a José Pacheco, director da *Contemporanea*, arrojada tentativa de revista moderna, sob o ponto de vista do pensamento e da forma. Foi uma vibrante manifestação de fé e de mocidade, á qual assistiram elementos heterogeneos do nosso meio literario e de arte e os espanhois Gomez de la Serna e Vasquez Diaz. Na altura em que os presentes evocavam os mortos amigos ou os ausentes, o representante do nosso jornal lembrou o nome de Afonso de Bragança, que foi quem, lapidarmente, traçou o programa da revista, que hoje triunfa.

* * *

**Fig. 5. Nota sobre *Contemporânea* no *Diário de Lisboa*, 15 de Janeiro de 1923, p. 1.**

[3] Veja-se um adequado enquadramento da revista e de Francisco García Calderón, neste artigo em linha, da autoria de Margarita MERBILHÁA (2015), que detalha como a revista estabelece uma rede de intercomunicação e mediação da *intelligentsia* crítica hispano-americana, bem como uma ponte entre velhas ideias e novas ideias do Modernismo, ao mesmo tempo que ratifica, contraditória e conservadoramente, como centro cultural o eixo França-Inglaterra. Características que podemos entrever, de outras maneiras, na revista que Pacheco irá formar logo em 1915.

[4] O número causa um abanão estético e político. A publicação de Pacheco abunda em artigos sobre a guerra europeia e mundial, enquanto se aproxima perigosamente da frente ideológica integralista. Esta é a razão principal para que não pudesse continuar (como, de resto, ocorreu com outra revista contemporânea, *Eh Real!*) ao passo que *Orpheu*, mais literária ainda conseguiu publicar outro número.

[5] Em 1923 a revista é alvo de outra crítica, de Álvaro Maia, na *Revista Portuguesa* de Victor Falcão.

Também do ano de 1923, são os dois exemplares dos dois primeiros números de *Inicial*, revista argentina, que Pacheco tinha na sua posse. Como nos diz Carlos GIORDANO (1990), *Inicial* é absolutamente singular face a outras revistas surgidas neste período na Argentina, quer pela sua periodicidade quer pela sua longevidade. Do ponto de vista ideológico, é possível considerá-la uma revista paralela à *Contemporânea*. GIORDANO hesita em cair no lugar-comum de lhe chamar "de tendência fascista" (1990: 353), mas pelo menos podemos afirmar que se reveste de contornos muito conservadores, como a revista de Pacheco, circundada de escritores e pensadores integralistas desde o número *specimen* *Inicial* termina em 1926, coincidentemente com a *Contemporânea*, depois de 10 números irregulares.

**Figs. 6 e 7. *Inicial*. Os dois números na biblioteca pessoal de José Pacheco.**
**Cf. https://ahira.com.ar/revistas/inicial-revista-de-la-nueva-generacion/**

Por último, há que mencionar que Pacheco tinha em sua posse três exemplares de *Mediodía – Revista de Sevilla* (números V, VI e VII), publicada naquela cidade andaluz entre 1926 e 1929. *Mediodía*, que atingiu os 14 números, foi uma revista eminentemente lírica, ilustrada, que se manteve longe de vanguardas mais experimentalistas. Podemos aventar que esta publicação terá chegado a Pacheco via Adriano del Valle, uma vez que foi um dos seus principais colaboradores estrangeiros da *Contemporânea*, juntamente com José Bergamín, Benjamín Jarnés e Jorge Guillén. Também poderia discutir-se se esta revista poderia ter sido uma inspiração para os números da *Contemporânea* que acabariam por não sair.[6]

[6] *Mediodía* é hoje em dia considerada uma das revistas panfletárias da chamada Geração de 27 em Espanha, que irá renovar a lírica daquele país e criar uma intensa fortuna crítica e influência nas letras espanholas do século XX. Veja-se a página da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España: https://hemerotecadigital.bne.es/hd/card?oid=0004830975

**Figs. 8-10. *Mediodia – Revista de Sevilla*; os três exemplares de Pacheco.**

Assim, podemos discutir como o gosto hispano-americano de Pacheco-leitor é pedra-de-toque da *Contemporânea* e vai influenciá-la ao ponto de a devotar àquela cultura na última série da revista.[7]

Corroborando esta ideia, é de referir que, no seu espólio, Pacheco tinha um panfleto editado pelo "Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes" de Madrid, detalhando as "Bases para los Concursos Nacionales de 1924-1925", mostrando o seu interesse pelos concursos artísticos e literários naquelas paragens.[8]

## Vizinhos nacionais

O panorama dos periódicos em Portugal tinha mudado desde o aparecimento de *Contemporânea* em 1915. Pessoa ainda escreveu a Pacheco equacionando a publicação do número terceiro de *Orpheu*, em Julho de 1917, mas nessa altura *Portugal Futurista* estava a caminho de um solo vanguardista, de inspiração francesa-italiana, marcando uma nova era em plena guerra mundial.

No início da década de 1920, já se começa a perceber uma certa mudança de atitude em relação aos periódicos literários, que se tornam mais massificados, mercê da crescente publicidade nos mesmos. Um evento é sintomático de uma mudança nesse sentido: António Ferro, que tinha sido 'um dos de Orpheu', é indigitado como

[7] A última série, de 1926, muda o seu subtítulo e abunda em colaborações ibero-americanas. Os subtítulos desta série são bastante ilustrativos: "Portugal * Ibero-Americanismo * Arte" (3.ª série, n.º 1); "Portugal-Brasil, Ibero-Americanismo, Arte" (3.ª série, n.º 2), e também nesta série inclui uma correspondente no Brasil, Madame Olívia Penteado, e em Espanha, o Conde de Santibáñez del Río, um dos colaboradores estrangeiros mais regulares.

[8] O interesse de Pacheco pelo mundo literário ibero-americano é estudado por António SÁEZ DELGADO (2020). Recomendamos ainda a leitura da tese policopiada inédita de Carla FERREIRA (2007), bem como, para um enquadramento contextual das relações político-culturais deste período, a tese policopiada inédita de Paulo FERREIRA (2016).

director da influente *Ilustração Portuguesa*[9]. Seria seu director entre Outubro de 1921 e Maio de 1922, o mês e ano precisos em que a *Contemporânea* sai.

Em 1922, Leonardo Coimbra entra na direcção d'*A Águia* (https://purl.pt/12152), modificando esta revista inexoravelmente: já o Saudosismo, marcado por Teixeira de Pascoaes, se erradica da revista, preparando-a para outros caminhos, indirectamente sobre a direcção da revista.

Este período é literariamente marcado, também, pela polémica dos autores malditos: Raul Leal, António Botto e Judith Teixeira vêem os seus livros ser apreendidos pelo Governo Civil de Lisboa em 1923 por "imoralidades". Este processo teve por base os livros *Sodoma Divinizada* (Raul Leal), *Canções* (António Botto) e *Decadência* (Judith Teixeira) e foi movida pelas falanges de direita, nomeadamente a Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa.

1924-1925 seria um outro ano-charneira nos periódicos literários portugueses. Curiosamente, este período de dois anos marca um momento de hiato na publicação da revista de Pacheco, mas o país não parara: Victor Falcão[10] tenta produzir uma nova *Contemporânea* com a criação de *Revista Portuguesa* (copiando-lhe a chapa da capa do número 7).

*Folhas de Arte* (https://purl.pt/34558), por seu turno, é uma revista-objecto que deve ser salientada neste período. Esta revista é composta, literalmente, de folhas soltas e agrupadas numa pasta de pano com o nome da publicação. Cada poema é autógrafo, escrito e assinado, com daguerreótipo do autor. Era dirigida por Augusto de Santa-Rita[11], sendo uma das melhores revistas modernistas, uma verdadeira obra de arte. O tema do primeiro número será a poesia contemporânea, tendo Pessoa colaborado com "Canção" (p. 17).

A lista de colaboradores é extremamente reconhecível para o leitor do período; salientam-se, à cabeça do primeiro número, três mulheres poetas com vínculos pessoais e familiares aos mais conhecidos modernistas: Branca Gonta Colaço (filha do político e escritor português Tomás Ribeiro e casada com Jorge Rey Colaço, ceramista importante, com quem terá o filho Tomás Ribeiro Colaço, escritor), Fernanda de Castro (mulher do influente António Ferro) e Virgínia Victorino, talvez a poetisa mais conhecida deste período.

Por outro lado, de forma a ratificar a revista no exíguo espaço literário, são também incluídos dois mortos ilustres, vultos importantes para o panteão modernista:

[9] Veja-se uma adequada resenha histórica deste periódico aqui: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustracaoPortuguesa.pdf.

[10] Victor Falcão (1886-1966) foi um escritor e crítico português, mais conhecido pela direcção de um período importante dos anos 20, *Revista Portuguesa*.

[11] Cf. o verbete de Madalena Dine, no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (MARTINS, 2008: 761), em linha em https://modernismo.pt/index.php/a/533-augusto-santa-rita-1888-1956.

Gomes Leal, recentemente desaparecido em 1921, e António Nobre, um precursor, que Pessoa considerava um precursor para a geração de *Orpheu*.

Quando *Athena* (https://purl.pt/22125) é publicada nos seus cinco números entre 1924 e 1925, Fernando Pessoa declara que a geração já é outra. De resto, o facto de redigir uma revista em 1926 intitulada *Revista de Comércio e Contabilidade* atesta a forma como o Modernismo e Pessoa haviam mudado.

Também de 1925 é a revista de Judith Teixeira, *Europa*, que havia sido o nome inicialmente escolhido por Pessoa e Sá-Carneiro para *Orpheu*.

**Fig. 11. *Europa*, capa do seu número inaugural.**

Sobre esta revista efémera (cf. https://purl.pt/39639), que dura apenas três números irregulares em 1925 e que foi bem recebida na imprensa (apesar de vir na esteira do tal processo que o Governo Civil havia instaurado à sua directora dois anos antes), diz-nos Anna KLOBUCKA (2022):

> É particularmente notável, neste sentido, a capa do número inaugural, com a sua imagem frenética de uma banda de jazz composta de dois músicos negros e uma cantora, cuja pose tortuosa e erotizada parece ecoar, além da capa desenhada por [Bernardo] Marques para *A idade do jazz-band* (1924) de António Ferro e do correspondente repertório visual parisiense (com a sua exotização fascinada e objetificante da *art nègre*), as figurações "decadentes" do corpo feminino na própria poesia de Judith Teixeira. Já os conteúdos da revista revelam-se mais eclécticos, com novelas históricas a alternarem com textos de feição "futurista", como a ficção sensacional "A guerra do futuro", da responsabilidade do autor pseudónimo Phantasius (que também assina "Os enigmas do sobrenatural" no número 2), com ilustrações impressionantes de Rocha Vieira. Semelhantemente diverso, embora contando com poucas autoras, o elenco de colaboradores inclui nomes sonantes, como Aquilino Ribeiro (com um excerto de *Filhas da Babilónia*) ou Ferreira de Castro (autor do artigo sobre "os pequenos profissionais" da cidade), ao lado de figuras desconhecidas ou esquecidas.
>
> (ver: KLOBUCKA, 2022; https://modernismo.pt/index.php/europa)

Devemos também, no entanto, deter-nos em *Tríptico*, bastante desconhecida hoje em dia e que deve ser estudada a par da *Contemporânea*.

*Tríptico* é uma revista incontornável da década de 1920, a mais vanguardista, do ponto de vista gráfico, de Coimbra (cf. https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-6-16/UCBG-RP-6-16_item1/P36.html), e que durará nove números, publicados entre 1924 e 1925. O seu subtítulo "Arte, Poesia, Crítica" aparenta ser uma explicação do título, já que *Tríptico* se relaciona com o formato da revista: uma folha dobrada em três. Uma nova série da revista, a partir do número 4, em Novembro de 1924, muda o formato da revista, que começa a ser mais pequeno, diminuindo para cerca de dois terços do tamanho original.

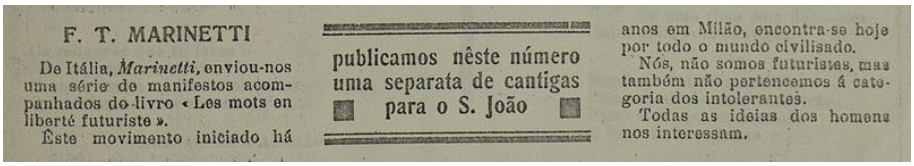
Coeva de *Athena*, o seu primeiro número data de Abril de 1924, mas é com *Contemporânea* que enceta um diálogo logo no primeiro número, e de certa forma são estas três – juntamente a *Europa* – as revistas mais marcantes da primeira metade da década de 20.

Nesse primeiro número, na página 2, há um longo artigo sobre a escultora modernista Eva Aggerholm, mencionando a escultura "La Niña de la Cabellera Grande", que aparecera no número 8 da revista lisboeta de José Pacheco (Fevereiro de 1923), e elogiando o pintor espanhol Vásquez Díaz, um dos mais assíduos ilustradores estrangeiros de *Contemporânea*, nomeadamente d'*A Scena do Odio*, de Almada Negreiros (aí publicada no número 7, Janeiro de 1923).

Já no segundo número fala-se de outras revistas modernistas de Coimbra, nomeadamente de *Dionysos* – que, a partir de 1925, iria iniciar uma nova e final série (até 1928) com uma das melhores capas modernistas daqueles anos, de José Cyrne (cf. https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-8-18/UCBG-RP-8-18_item1/index.html)– e de *Rajada* (1912), cujos quatro números haviam sido precisamente dirigidos pelo mesmo director de *Tríptico*, o poeta Afonso Duarte (veja-se também: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-OS-965/UCBG-OS-965_item1/index.html).

No terceiro número de *Tríptico* aparece pela primeira vez um extratexto, que consiste numa separata com poemas vários sobre o São João (as fogueiras de S. João) glosados pelos seus colaboradores habituais (Campos de Figueiredo, Tomás da Fonseca, Pascoais...). Nos números seguintes, essa folha separada do conjunto de folhas tripartidas apresentará imagens tão díspares quanto uma xilogravura representando Anatole France (4), um desenho-gravura de Teles Machado alusivo ao Natal (5) ou uma gravura de Milly Possoz com enfoque na Vila de Sintra (6).

Também no terceiro número, na página 6, e como última informação, vem uma nota dizendo publicamente que a redacção havia recebido de Marinetti uma série de manifestos, incluindo um livro intitulado *Les mots en liberté futuriste*. A posição da revista é democrática e surpreendente: "Nós não somos futuristas, mas também não pertencemos à categoria dos intolerantes. Todas as ideias dos homens nos interessam".



F. T. MARINETTI

De Itália, *Marinetti*, enviou-nos uma série de manifestos acompanhados do livro « Les mots en liberté futuriste ».

Êste movimento iniciado há

publicamos nêste número uma separata de cantigas para o S. João

anos em Milão, encontra-se hoje por todo o mundo civilisado.

Nós, não somos futuristas, mas também não pertencemos á categoria dos intolerantes.

Todas as ideias dos homens nos interessam.

**Fig. 12. *Tríptico*, série 1, n.º 3, 1 de Junho de 1924, p. 6.**

É curiosa esta ligação de Marinetti a Coimbra, dada por *Tríptico*, na medida em que daí a meses, já em 1925, naquela cidade, seria apresentado um manifesto futurista por quatro estudantes da Universidade de Coimbra, entre eles Francisco Levita. Por outro lado, esta posição 'anti-futurista' aproxima-a de *Contemporânea*, que recusava, como vimos, tal epíteto.

No número 6 de *Tríptico*, há, aliás, ainda uma outra relação ténue que se pode estabelecer com *Europa*. Em "Palavras sobre o Salão de Outono de 1925", de João Gaspar Simões, refere-se um evento decisivo para a arte modernista em Portugal. *Europa*, no seu primeiro número, apresenta várias páginas mostrando os quadros desse evento, nomeadamente o retrato de José Pacheco, director de *Contemporânea*.[12]

*Tríptico* é, em suma, uma revista onde convergem as tendências estéticas e as personalidades culturais de outras revistas coimbrãs, que serão decisivas na segunda fase do Modernismo em Portugal, marcado pelo surgimento de *presença*. Estamos já noutro paradigma estético-literário.

Assim, podemos argumentar que a revista de José Pacheco não está isolada, a nível nacional, na transição que ajuda a cumprir do paradigma *Orpheu* para o paradigma *presença*, isto é, na passagem de uma geração modernista para outra. Não existe, porém, revista que simbolize de forma tão veemente essa passagem e os próprios anos 20.

## Vizinhos internacionais

No panorama internacional, 1922 é um ano a todos os títulos importantíssimo. Politicamente, é um ano de extremos: tanto se assiste à criação oficial da União Soviética como à entrada de Benito Mussolini no poder em Itália. De uma forma

[12] Vale a pena determo-nos aqui. Na p. 5, diz Gaspar Simões que foi em visita a esse Salão – com Diogo de Macedo – e faz não só o elogio deste seu amigo (sobre o qual já escrevera no número 4), como também o elogio do organizador, Eduardo Viana, passando depois a referir a "doçura mística" de Lino António bem como a "delicadeza" de António Soares. Depois de comparar a pintora Milly Possoz com a argentina Norah Borges (irmã de Jorge Luis Borges) – aliás secundado por Almada Negreiros quando este refere Possoz como "o melhor desenhador do meu tempo" – é a vez de o próprio Almada Negreiros ser caracterizado pela sua "fina inteligência". O artigo fecha com a menção da homenagem do Salão aos três pintores malogrados daquela nova geração: Manuel Jardim (de que hoje pouco sabemos), Amadeo de Souza Cardoso e Santa Rita Pintor. As palavras finais do artigo são eloquentes: "Termino comigo próprio satisfeito, visto o ingénuo entusiasmo que de tão longe me levou a visitar o Salão de Outono, ter sido recompensado [...]" (SIMÕES, 1925: 5).

natural, a produção literária e as revistas, em particular[13], serão um amplo reflexo desta época de tensões pós-guerra 1914-1918 que estes dois eventos simbolizam.

Do ponto de vista literário, assistimos ao consolidar do Modernismo no hemisfério norte, com a publicação de obras canónicas, em diferentes latitudes, como *The Waste Land*, de T. S. Eliot, *Ulysses*, de James Joyce, as *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, *Trilce*, de César Vallejo, *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, ou *Jacob's Room*, de Virginia Woolf. O Futurismo pós-guerra também se ia dissolvendo e disseminando geograficamente em derivas mais ou menos autónomas, como o Dada (cujo congresso ocorre neste ano, em Weimar) ou o Construtivismo, que se espalha sobretudo para a Europa central e oriental, como veremos.

A edição de periódicos estuda-se há muito numa perspectiva descentrada, dada a multiplicidade de fenómenos editoriais ligados a diferentes certos urbanos[14]. Assim, para além de pensarmos nos vizinhos de *Contemporânea* a nível nacional, talvez nos seja mais útil pensar em determinadas cidades como centros aglutinadores de artistas e mecenas que, respectivamente, pensam e patrocinam as revistas.[15]

A este propósito, já referiu o ensaísta Stephen Bury:

> The back cover for volume 8 n.º 1 (1922) of *Ma: internacionális aktivista müvészti folyóirat*, the hungarian-language magazine then published in Vienna by Lajos Kassák has a grid of thirteen other magazines – *De Styl* (Weimar), *2x2* (Vienna), *Ça Ira* (Brussels), *Ut* (Novisad), *Der Sturm* (Berlin), *L'Ésprit Nouveau* (Paris), *Broom* (Berlin), *Mécano* (Weimar), *La Vie des lettres et des arts* (Paris), *Der Gegner* (Berlin), *Die Aktion* (Berlin), *Clarté* (Paris) and *Zenit* (Zagreb). The first issue of the *Dada-Consctructivist G* (Gestaltung), (1923-26), edited by Hans Richter, advertised *De Stijl*, *Ma*, *Mécano* and *Merz* and by the third number had added *Contimporanul* (Bucharest), *Devetsil* and *Disk* (Prague) and *Zwrotnika* (Cracow).
>
> (BURY, 2007: 40-41)

Temos assim uma ideia composta não só das revistas mais vanguardistas como dos centros nevrálgicos europeus onde as mesmas eram pensadas e elaboradas por volta de 1922-1923, quando a *Contemporânea* foi mais regular.

Vejamos então alguns desses centros urbanos, nunca perdendo de vista a revista cujo centenário celebramos agora, bem como as datas do seu (re)aparecimento: 1922-1926, tendo em conta o número de 1915.

---

[13] Nunca é demais frisar como o universo de edição, há um século atrás, era diverso, tendo o periódico literário tanta importância quanto a publicação de um livro.

[14] Foi essa a nossa intenção com a inclusão de um mapa da edição de revistas modernistas em Portugal, na primeira república, no catálogo da exposição, de 2020, *Tradição e Vanguarda: Revistas Literárias do Modernismo (1910-1926)*. A exposição da British Library, em 2007-2008, *Breaking the Rules: The Printed Face of the European Avant Garde 1900-1937* foi, de resto, disso um exemplo claro.

[15] Um projecto como o Modernist Journals Project (https://modjourn.org/), iniciado em 1996, defende, no seu editorial online, que 1922 é o ano cimeiro da produção periódica modernista.

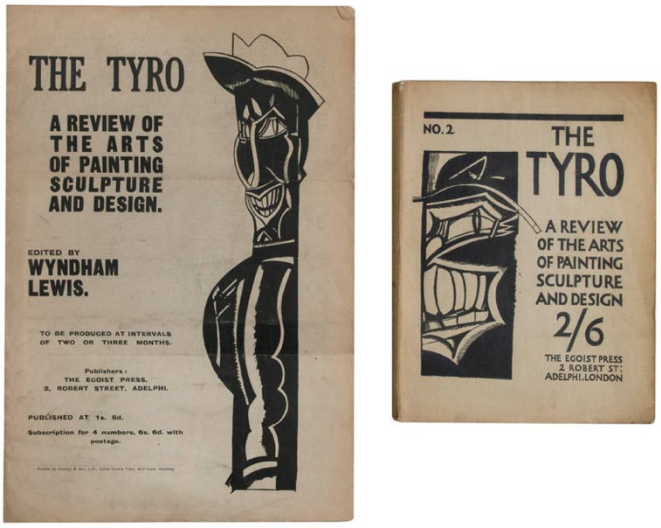
A cidade de Cracóvia foi, entre guerras, um importante polo de edição de revistas modernistas. Curiosamente, no ano em que ressurge a revista de Pacheco, surge aí um livro do dadaísta Tytus Czyzewski intitulado *Waz, Orfeusz i Euridika* [Cobra, Orfeu e Eurídice], remetendo-nos, no nosso imaginário lusitano, de novo para a geração da *Orpheu* portuguesa, no ano longínquo de 1915 em que tanto a revista pessoana (ilustrada por Pacheco) como a do próprio Pacheco foram originalmente publicadas. São notórias as diferenças entre este livro e a revista no estilo gráfico (mais colado a um certo gosto futurista russo, minimalista e sóbrio), mas um mesmo cuidado na disposição dos elementos.

**Fig. 13. Revista *Wąż, Orfeusz i Euridika*, Cracóvia, 1922.**

Aliás, devemos lembrar uma invectiva inglesa, a de Wyndham Lewis, que, com a revista *Blast*, tentou agitar as águas literárias inglesas com o seu Vorticismo.[16] Lewis, tal como Pacheco, quase uma década depois, trouxe para a cena literária não uma reinvenção da revista original, mas uma nova, intitulada *Tyro* (tradução: o neófito), mais artística do que literária e com apenas dois números (um em 1921 e outro em 1922), talvez pelo seu afastamento de Ezra Pound. Do ponto de vista literário é de salientar a colaboração de T. S. Eliot, o que confirma a vocação modernista deste periódico, aproximando-o novamente da *Contemporânea*.

Voltando à Polónia e a Cracóvia em especial, o Futurismo tinha ali atingido um pico em 1921-1922, tendo sido substituído por outro tipo de movimentos. Anteriormente já havia sido o centro do vanguardismo com a criação de um grupo intitulado "Os formistas" (*Formisci*), que organizam um periódico (durou 6 números entre 1919 e 1921) onde publicaram Anatol Stern ou Bruno Jasienski, bem como traduções de Maiakovski e Apollinaire.

[16] Pessoa foi um de muitos literatos europeus que comprou esta revista em 1915, servindo de inspiração a *Orpheu*, como sabemos (cf. MCNEILL, 2015).




**Figs. 14 e 15. Capa dos dois números de *The Tyro*, revista de Wyndham Lewis.**

Mais interessante de referir, em relação à *Contemporânea*, é a revista *Zwrotwica*. A carreira editorial da *Zwrotnica* (traduzindo-se literalmente: Aparelho de mudança de via ferroviária) é cronologicamente muito semelhante à da *Contemporânea*. Fundada pelo poeta vanguardista Tadeusz Peiper ("O papa do avant-garde" para os polacos) em 1922, é bastante regular até 1923 e depois reactivada entre 1926 e 1927. Foi uma revista marcante, tendo sido sede de estreia de muitos poetas polacos da geração seguinte.[17]

**Figs. 16 e 17. Os números 3 e 7 de *Zwrotnica*, revista polaca vanguardista (1922-1927).**

[17] Por falta de fundos, esteve parada até 1931-1933, período em que foi retomada com outro nome, *Linja* [*Linha*], durante 5 números irregulares e editada por poetas da geração seguinte, como Jalu Kurek.

Uma mesma metáfora ferroviária (tão cara aos futuristas, de resto) está no cerne da revista ucraniana de Kiev: *Semafor u Maibutnie – Aparat panfuturystiv* [*Semáforo para o Futuro – Aparelho dos panfuturístas*]. Criada em 1922, foi publicada exactamente ao mesmo tempo de *Contemporânea* e atesta a vitalidade do movimento vanguardista na Ucrânia. Este ganhara uma nova vida com a fundação da Associação dos Panfuturistas no ano anterior, um grupo dinâmico que sintetizava a corrente de Marinetti com um gosto mais eslavo pelo Expressionismo e pelo Dada, como se comprova, de resto pela capa deste periódico:

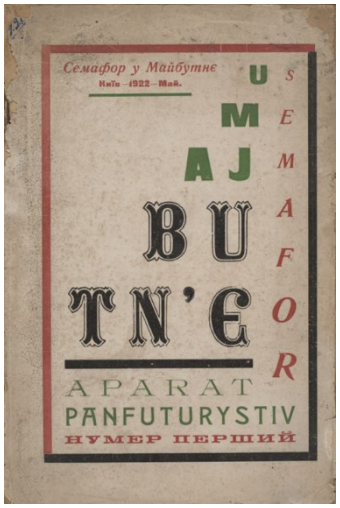
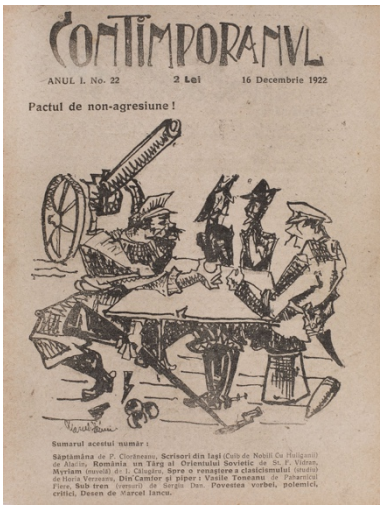



**Fig. 18. Capa de *Semafor u Maibutnie* (1922).**

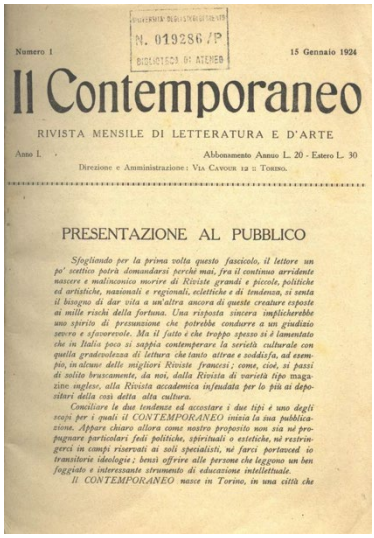
Da Roménia regista-se a coincidência de títulos com a *Contemporânea* num periódico de Bucareste, *Contimporanul*, auto-intitulado o órgão do Construtivismo, uma derivação vanguardista que conheceu grande fortuna na Europa central. Começando por ser semanal, passou rapidamente para mensal ao terceiro número, tendo editado 102 volumes até ao seu fim, uma década depois (1932).




**Figs. 19 e 20. Capas de *Contimporanul*, n.º 16 e n.º 22, de 1922.**

Considerada como uma das revistas mais importantes do país, *Contimporanul* foi uma verdadeira plataforma da Vanguarda e do Modernismo em romeno. Os seus fundadores – Ion Vinea (Eugen Iovanaki) e Marcel Janco – tinham estado em Paris até 1922, onde haviam feito parte da cena artística, tendo, assim, pretendido trazê-la para Bucareste com a criação desta revista. Mantendo fortes relações com revistas internacionais, teve a colaboração de Picabia, Éluard e Marinetti. Um dos outros contributos da revista foi a organização de um primeiro salão de arte moderna, onde participou toda a cena vanguardista romena, tendo marcado, como o I Salão de Outono em 1925 em Portugal, uma nova fase da chamada arte moderna.[18]

A tentativa de 'ser contemporâneo', ou de se mostrar do tempo presente tem, de resto, um outro eco na Itália, com a criação, ano e meio depois, de uma revista de Turim precisamente intitulada *Il Contemporaneo*. Esta faz parte do repositório CIRCE (Catalogo Informatico Riviste Culturali Europee; https://r.unitn.it/it/lett/circe) e existe também pode ser consultada na Biblioteca Nacional Central de Roma (cf. http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/giornale/CFI0350802/1924/v.1):


N. 019286/P
BIBLIOTECA DI ATENEO

Numero 1 — 15 Gennaio 1924

Il Contemporaneo

RIVISTA MENSILE DI LETTERATURA E D'ARTE

Anno I. — Abbonamento Annuo L. 20 - Estero L. 30

Direzione e Amministrazione: Via Cavour 12 :: Torino.

PRESENTAZIONE AL PUBBLICO

*Sfogliando per la prima volta questo fascicolo, il lettore un po' scettico potrà domandarsi perchè mai, fra il continuo arridente nascere e malinconico morire di Riviste grandi e piccole, politiche ed artistiche, nazionali e regionali, eclettiche e di tendenza, si senta il bisogno di dar vita a un'altra ancora di queste creature esposte ai mille rischi della fortuna. Una risposta sincera implicherebbe uno spirito di presunzione che potrebbe condurre a un giudizio severo e sfavorevole. Ma il fatto è che troppo spesso si è lamentato che in Italia poco si sappia contemperare la serietà culturale con quella gradevolezza di lettura che tanto attrae e soddisfa, ad esempio, in alcune delle migliori Riviste francesi; come, cioè, si passi di solito bruscamente, da noi, dalla Rivista di varietà tipo magazine inglese, alla Rivista accademica infeudata per lo più ai depositari della così detta alta cultura.*

*Conciliare le due tendenze ed accostare i due tipi è uno degli scopi per i quali il CONTEMPORANEO inizia la sua pubblicazione. Appare chiaro allora come nostro proposito non sia nè propugnare particolari fedi politiche, spirituali o estetiche, nè restringerci in campi riservati ai soli specialisti, nè farci portaveci io transitorie ideologie; bensì offrire alle persone che leggono un ben foggiato e interessante strumento di educazione intellettuale.*

*Il CONTEMPORANEO nasce in Torino, in una città che*

**Fig. 21. Apresentação d'*Il Contemporaneo* (15-1-1924).**

Esta é uma revista com um propósito muito comum a revistas europeias deste período, querendo quebrar com o 'velho', com rubricas diversas (desde poesia ao teatro, passando pela crónica de costumes e tradução de autores estrangeiros). Há, por isso, um paralelo interessante que se pode estabelecer com a revista de Pacheco. A revista de Turim teve, porém, uma duração ainda mais efémera que a de Lisboa, nomeadamente 11 edições que foram publicadas de Janeiro a Dezembro de 1924, mensalmente (cf. o subtítulo: "Revista Mensal de Literatura e Arte").

[18] Veja-se o número 52, de 1925, que publicitou o evento, tal como o fez a revista de Judith Teixeira, *Europa*: https://monoskop.org/images/2/2f/Contimporanul_52_Jan_1925.pdf

O caso de *Noi: rivista d'arte futurista* (https://r.unitn.it/it/lett/circe/noi), de Roma (outro centro importante) é, porém, diferente da revista de Turim. Um dos seus editores foi o escultor futurista Enrico Prampolini, que iria participar no evento de arte moderna da revista romena *Contimporanul* em 1925.[19] Sendo Itália a pátria do Futurismo europeu via Paris, é normal que a produção editorial de revistas incluídas neste domínio fosse maior. No entanto, se em 1912 a primeira antologia futurista é realmente impactante e, até, transgressora (ainda que ao lermos alguns dos seus poemas possamos ter dificuldade em perceber, hoje, o escândalo), a segunda antologia futurista de 1925 aponta já para a completa degenerescência do propósito inicial do Futurismo.

**Fig. 22. Número 1 da última série de *Noi* (1923).**

*Noi*, na sua última série (1923-1925), parece ser sintomia dessa desagregação que cede, paralelamente, ao poder político. Tendo sido iniciada em plena guerra em 1917 por Prampolini e Bino Sanminiatelli, é irregular até 1920, quando finda, voltando em 1923 apenas com Prampolini e muito menos produção literária (ainda menos que a segunda série). O romeno Janco, o francês Léger e o ucraniano Archipenko (que, por pouco, não vimos também na *Contemporânea* de Pacheco...)[20] são alguns dos nomes que contribuem, ao invés, para a grande qualidade artística da revista.

Seis meses antes de Pacheco publicar a *Contemporânea* sai, em Praga, o primeiro número da revista *Život: výtvarný sborník* [A Vida: uma colecção de arte], também sob o comando de um arquitecto, Jaromír Krejcar. Esta revista teve uma periodicidade irregular, sobretudo anual, tendo durado 21 números até ao

[19] Veja-se o periódico referido na nota anterior, p. 7.

[20] No espólio de Pacheco, podemos ver como restam cerca de uma dezena de xilogravuras de esculturas de Archipenko, inéditas e possivelmente destinadas a um número de *Contemporânea* que nunca existiu; ver: http://ric.slhi.pt/Contemporanea/documentos/provas_tipograficas.

longínquo ano de 1948, passando por isso por múltiplas séries. Até ao número 7 (1927), porém, é muito verificável como segue um caminho muito colado ao vanguardismo (dinamizado pelo grupo estético Devětsil, com colaboração artística e literária bastante diversa e internacional), optando depois por um caminho mais convencional.

**Figs. 23 e 24. Páginas da revista checa *Život*, número inicial (1922).**

*Život* foi uma revista inspirada por *L'Esprit Nouveau*, outra revista francesa que teria Karel Teige como correspondente em Paris. *L'Esprit Nouveau* era uma das leituras de Pacheco e, segundo a entrevista do *Diário de Lisboa* – transcrita no início deste artigo –, o arquitecto-editor classifica-a como um dos pares da *Contemporânea*. Aliás, veja-se como algumas páginas são bilingues (francês-checo) e a palavra "contemporânea" é utilizada no subtítulo. De entre os seus colaboradores internacionais, é de destacar os nomes de Derain, Le Corbusier, Man Ray, Utrillo, mas igualmente um outro quase-colaborador da revista portuguesa, o escultor ucraniano Archipenko.

Cronologicamente falando, *Zenit* tem uma existência muito semelhante à da revista lisboeta de Pacheco. Publicada entre 1921 e 1926, foi o órgão do Zenitismo, sendo a revista epítome da recente criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (https://digital.kunsthaus.ch/viewer/toc/25712/1/-/). Tal como a *Contemporânea*, *Zenit* passou por períodos de não-publicação (43 números saíram em 34 volumes em Zagreb – de Fevereiro 1921 a Maio 1923 – e Belgrado – de Junho 1923 a Dezembro 1926) devido à mudança de local de publicação e a dificuldades financeiras.

A revista, que cobria poesia, artes plásticas, teatro, cinema, arquitectura e música, dedicou números especiais a jovens artistas checos (n.º 7 e 8) e à nova arte russa (n.º 17-18, editado por Ilya Ehrenburg e El Lissitzky). Reuniu poetas e escritores das cidades e centros culturais da Iugoslávia: Zagreb, Belgrado, Ljubljana, Novi Sad, Vinkovci, Sombor, Split e Zemun; também estabeleceu cooperação com autores jugoslavos que viviam em Praga (Dragan Aleksić), Paris (Rastko Petrović,

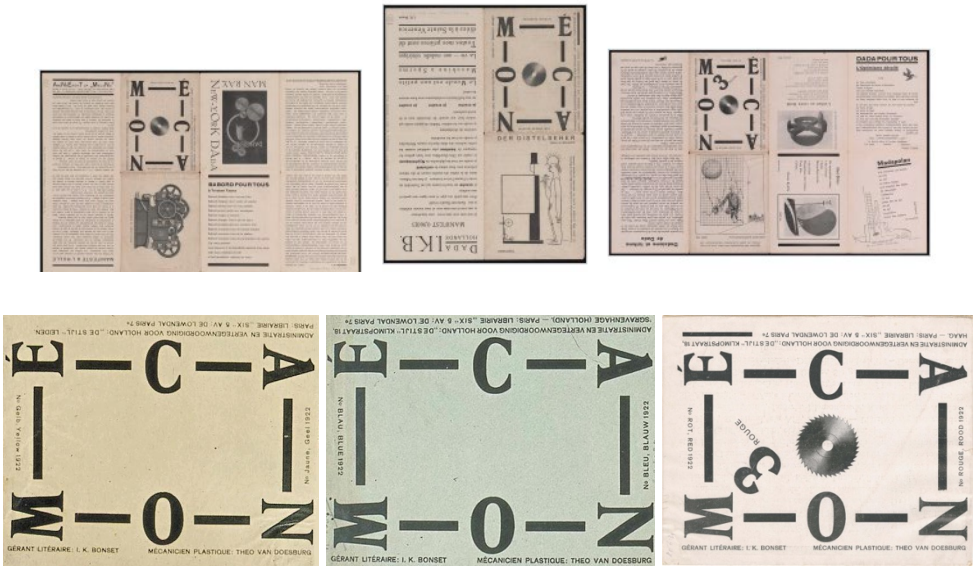
Miloš Crnjanski, Dušan Matić) e Viena (Zlatko Gorjan). Tal como o que sucedeu com a romena *Contimporanul* e a portuguesa *Contemporânea*, em 1925, um dos outros contributos de *Zenit* foi a organização de um certame de arte moderna, onde participou toda a cena vanguardista jugoslava, no seu ano final de 1924 – *A Primeira Exposição Internacional Zenit de Arte Moderna*.

**Fig. 25. Revista *Zenit*, n.º 1, Fevereiro de 1921.**

**Fig. 26. Poster de Mihailo Petrov para *A Primeira Exposição Internacional Zenit de Arte Moderna* (1924).**

A revista, de resto, terminou devido à censura, por ser acusada de difundir propaganda bolchevique (através do envolvimento de artistas russos e do artigo de M. Rasinov "Zenitizam kroz prizmu marksizma" [*Zenitismo através do prisma do marxismo*]).

Na Holanda, em 1922, surge o suplemento da revista *De Stijl* [*Estilo*][21] intitulado *Mécano*, sendo já à partida este um nome vanguardista e sem significado, valendo pela sua qualidade onomatopeica e sensorial a apontar para o gosto pela máquina e pela inovação tecnológica. Sendo um quadrifólio à maneira de algumas revistas portuguesas como *Tríptico* (como vimos atrás), são publicados, entre 1922 e 1924, apenas cinco números.




**Figs. 27-29. Primeiros números da revista *Mécano* (1922).**

Theo Van Doesburg foi o seu principal dinamizador, sob pseudónimo de I. K. Bonset, um artista polifacetado com formação arquitectónica e que, por isso, torna a revista uma obra de arte vanguardista e internacional (com a inclusão de uma língua franca como o francês era nesta altura). Muito centrada no Dada, com a ajuda de Schwitters, Arp e Tzara faz daquela publicação uma plataforma estética diversa.

Por último, e saindo da Europa, é importante incluir nesta contextualização internacional da *Contemporânea* a brasileira *Klaxon*, surgida da Semana de Arte Moderna de 1922, já referida por nós no início deste artigo.

Se a viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral é importante para a (re)definição destes laços luso-brasileiros e a afirmação da identidade brasileira e portuguesa, a revista brasileira insere-se igualmente naquilo que podemos denominar com um período de intensa troca entre alguns modernistas brasileiros e portugueses.

[21] Enquanto grupo estético, *De Stijl* é formado em 1917, mas é igualmente o nome de um periódico que é publicado irregularmente em 90 edições entre Outubro de 1917 e Janeiro de 1932 em Delft (1917-1918), Leiden (1918-1921) e Meudon (França). Não se publicou entre Novembro e Dezembro de 1920, Janeiro e Fevereiro de 1923 e entre 1929-1931. A sua influência dentro e fora da Holanda é muito considerável.

Troca semelhante já tinha existido em 1915 com *Orpheu* e *Contemporânea*[22], até com o surgimento de *Atlântida*, que durará cinco anos e promoverá muito este encontro bilateral. Em 1922, porém, *Klaxon* é a revista que dialoga directamente com a de Pacheco, mesmo que se apresente graficamente ainda mais vanguardista.

Entre os colaboradores de *Klaxon* figuram Mário de Andrade[23], Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Os dois últimos também colaboraram na *Contemporânea* entre os anos de 1925 e 1926. Tarsila do Amaral fará a capa do segundo número da última série de 1926, Oswald de Andrade escreve uma "Carta aberta de Oswaldo Andrade a António Ferro sobre a arte e a literatura novas no Brazil" no famoso Suplemento de 1925, um documento fundamental para ler estas relações luso-brasileiras.

E, mais significativamente, é sintomática a inclusão de Olívia Penteado, a grande impulsionadora da Semana de Arte Moderna de 1922, como correspondente de *Contemporânea* no Brasil, de acordo com as informações nas badanas da revista (n.º 2 e 3 da 3.ª série), no seguimento de uma visita no ano anterior ao nosso país (também detalhada num número anterior).

*

Como se pode ver, José Pacheco tinha razão quando dizia, na entrevista de 1922 ao *Diário de Lisboa*, que a *Contemporânea* era uma excelente revista para os parâmetros ocidentais, especialmente da Paris que ele deixara por causa da guerra. Não podemos ignorar, no entanto, que os seus vizinhos mais periféricos (pelo menos de uma periferia europeia no ponto diametralmente oposto à realidade portuguesa) faziam esforços editoriais bastante mais arrojados e vanguardistas. Tudo isto traduz o gosto da *arrière-garde* que tem o nosso Modernismo (de que já falámos aqui noutro número; MARQUES, 2017), uma triagem ou filtro que os intelectuais portugueses fizeram do que leram e viram lá fora, no estrangeiro.

A *Contemporânea* é disso um claro exemplo: se o texto inicial do primeiro número, da autoria de Afonso de Bragança, não fosse já eloquente, sem dúvida foi o próprio director quando questionado sobre a ideia de a revista publicar 'futuristas': "não há na revista escritores futuristas. Uns porque já o não são, outros porque o foram, outros são precisamente o contrário."[24]

---

[22] Refiram-se dois poetas, Ronald de Carvalho, logo no número inicial de *Orpheu*, e Eduardo Guimaraes, no segundo número desta revista. Em *Atlântida*, surgida nesse mesmo ano de 1915, será o maior colaborador brasileiro o ficcionista e dramaturgo João do Rio (assinando com outros três pseudónimos), que morrerá um ano depois de findar a revista.

[23] Veja-se igualmente as ligações de Mário de Andrade a Portugal no artigo de ABREU (2016).

[24] Ainda estaríamos para ver, porém, em Portugal, a (re)emergência do terceiro ramo do Futurismo em Coimbra, com a publicação de um manifesto naquela cidade em 1925 (o ano da segunda antologia futurista, como vimos) depois da página contra Almada Negreiros, da autoria do malogrado Francisco Levita, quase dez anos antes, em 1916. Cf. MARNOTO (2009; 2018).

Mas logo em 1922 é justo afirmar, juntamente com o algarvio Julião Quintinha, noutra notícia de jornal (*A Batalha)*, de 5 de Julho de 1922, que esta é uma revista imprescindível para o entendimento de Portugal nos anos 20:

> Está publicado o primeiro número desta primorosa revista literária, sob a direcção do arquitecto José Pacheco, e colaborada por um grupo de intelectuais da nova geração, em que se contam artistas de nomeada, como José de Almada, Fernando Pessôa, Afonso de Bragança e outros, poetas e prosadores de mérito.
> Este número que é uma maravilha como trabalho gráfico, reproduz trabalhos dos pintores João Vaz e António Soares e trabalhos dos escultores António Canto e Diogo de Macedo.
> Não há exagero escrevendo que é das mais belas publicações que se tem lançado em Portugal, o que muito depõe a favor de todos os colaboradores, director e editor – o sr. Agostinho Fernandes, devotado amigo de coisas de arte, a quem a arte nacional deve precioso estímulo.
> (QUINTINHA, 1922: 1)

A ideia da *Contemporânea*, como o nome indica, é ser presente – nem 'antepassado', nem 'futurista'.

## Bibliografia


ABREU, Mirhiane Mendes de (2016). "Estantes portuguesas: Portugal novecentista no acervo pessoal de Mário de Andrade". *Guavira Letras*, n.º 23, Três Lagoas, pp. 34-45. Texto disponível em: http://modernismo.pt/livros/Estantes%20portuguesasGuaviraMirhianeMA.pdf

*Athena* (1924-1925). Direcção de José Pacheco e Ruy Vaz. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva. Vol 1, n.º 1 (Out. 1924) – Vol. 1, n.º 5 (Fev. 1925). https://purl.pt/22125 Também há cópia digital disponível em linha na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa.

BURY, Stephen (2007). *Breaking the Rules: The Printed Face of the European Avant Garde 1900-1937.* Londres: British Library.

BRAGANÇA, Afonso de (1922). "Carta a um esteta". *Contemporânea*, n.º 1, Lisboa, p. 14. Veja-se: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/Contemporanea.htm; e http://ric.slhi.pt/Contemporanea/visualizador?id=20002.002&pag=14

*Contemporânea* (1915; 1922-1926). Direcção de José Pacheco. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva. N.º specimen (1915). Ano 1, n.º 1 (maio 1922) – Série 3, n.º 3 (Jul. / Out. 1926). Cópia digital da versão original disponível no Portal Revistas de Ideias e Cultura, incluindo suplementos e documentação adicional. http://ric.slhi.pt/

CORREIA, Mário (2022). *A Grande Aventura – 100 Anos da Travessia de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.* Lisboa: Oficina do Livro.

*Europa* (1925). Direcção de Judith Teixeira. Lisboa: Judith Teixeira. Ano 1, n.º 1 (Abr. 1925) – Ano 1, n.º 3 (Jun. 1925). https://purl.pt/39639

FERREIRA, Carla (2007). *O Iberismo Numa revista do Primeiro Modernismo Português*. Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos. Évora: Universidade de Évora.

FERREIRA, Paulo (2016). *Iberismo, Hispanismo e os seus Contrários: Portugal e Espanha (1908-1931).* Lisboa: Universidade de Lisboa.

GIORDANO, Carlos (1990). "La revista *Inicial* (Buenos Aires, 1923-1926)". *América: Cahiers du CRICCAL*, n.º 4-5*: Le discours culturel dans les revues latino-américaines de l'entre-deux guerres, 1919-1939*, pp. 347-357. https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1990_num_4_1_996

KLOBUCKA, Anna, (2022). "Europa". https://modernismo.pt/index.php/europa

MCNEILL, Patrícia (2015). "Orpheu e Blast: resistência e afirmação pela revista modernista. *Colóquio/Letras*, n.º 190, Lisboa, pp. 28-36.

MARNOTO, Rita (2018). "Portugais Futuristas. Futurismo coimbrão". *Portugal Futurista e Outras Publicações Periódicas de 1917*. Coordenação de Ricardo Marques. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 35-49.

_____ (2009). *Francisco Levita, Negreiros-Dantas, Uma Página para a História da Literatura Nacional. Óscar, Pereira São-Pedro (Pintor), Tristão de Teive, Príncipe de Judá, Coimbra Manifesto 1925*. Lisboa: Fenda.

MARQUES, Ricardo (2020) (coord.). *Tradição e Vanguarda – Revistas Literárias do Modernismo (1910-1926).* Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

_____ (2018) (coord.). *Portugal Futurista e Outras Publicações Periódicas de 1917*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

_____ (2017). "De *Orpheu* (1915) a *Portugal Futurista* (1917): Três anos de revistas literárias". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11 (número especial: *Portuguese Modernisms 1915-1917*; editores convidados, Steffen Dix e Patrícia Silva), Primavera, pp. 137-154. Brown Digital Repository, Brown University Library. https://doi.org/10.7301/Z03J3B51

MARTINS, Fernando Cabral (2008) (org.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho. [Actualizado em 2017 em modernismo.pt].

MARX, William (2008). *Les Arrières-gardes du XXe siècle – L'autre face de la modernité esthétique.* Paris : PUF.

MERBILHÁA, Margarita (2015). "Emergencias de la mediación intelectual: La Revista de América (París, 1912-1914) y la red de escritores latinoamericanos en Europa a comienzos del siglo XX". *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n.º 44, pp. 253-280. Texto disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.8566/pr.8566.pdf.

PIRES, Daniel (1996). *Dicionário da Imprensa Periódica Literária 1900-1940*. Lisboa: Grifo.

QUINTINHA, Julião (1922). "Contemporânea". *A Batalha*, 5 de Julho, p. 1.

SÁ-CARNEIRO, Mário de (1977). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, selecção e notas de Arnaldo Saraiva. Porto: Limiar, 1977

SÁEZ DELGADO, Antonio (2020). "Sobre a encruzilhada estético-ideológica do Moderniso e da Vanguarda na Península Ibérica – o caso da revista *Contemporânea*". *Tradução e Vanguarda – Revistas Literárias do Modernismo (1910-1926)*. Coordenação de Ricardo Marques. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 55-64.

SCHOLES, Robert et al. (2010). *Modernism in the Magazines: An Introduction*. New Haven: Yale University Press.

SIMÕES, João Gaspar (1925). "Palavras sobre o Salão de Outono de 1925". *Tríptico,* nº 6, Coimbra, p. 5.

**RICARDO MARQUES** é doutorado em Estudos Portugueses (2010) na FCSH (Universidade Nova de Lisboa), onde desenvolveu uma investigação de pós-doutoramento em revistas literárias do Modernismo (2015-2021). Nesse contexto, coordenou recentemente o volume de ensaios *Tradição e Vanguarda: Revistas Literárias do Modernismo (1910-1926)*, editado pela Biblioteca Nacional de Portugal (2020). Para além de poeta, é crítico literário em revistas especializadas (*Coloquio/Letras*, *JL*, *Relâmpago*) e, também, tradutor de poesia. Entre 2011 e 2022, foram publicadas suas antologias poéticas de Tennessee Williams, Amy Lowell, D. H. Lawrence, Vicente Huidobro, Patti Smith, Billy Collins, entre outros. No outono de 2019, uma antologia inovadora sobre poesia futurista europeia, organizada e traduzida por si, foi publicada pela primeira vez em português.

**RICARDO MARQUES** holds a PhD in Portuguese Studies (2010) at FCSH (NOVA University of Lisbon), where he developed post-doctoral research on Modernism literary magazines (2015-2021). In this context, he recently coordinated the volume of essays *Tradição e Vanguarda: Revistas Literárias do Modernismo* (1910-1926), edited by the National Library of Portugal (2020). Apart from being a poet, he's a literary critic in specialized magazines (*Coloquio/Letras*, *JL*, *Relâmpago*) and is also a poetry translator. Between 2011 and 2022, his poetry anthologies of Tennessee Williams, Amy Lowell, D.H. Lawrence, Vicente Huidobro, Patti Smith, Billy Collins, among others, were published. In the autumn of 2019, a groundbreaking anthology on European Futurist poetry, organised and translated by him, was published for the first time in Portuguese.